

Página eclética de uma mestranda, caloura.*

Maria Amélia Costa**

*F*oi com intensa ansiedade que cheguei para ver a lista dos aprovados. Já havia algumas pessoas em frente ao quadro de avisos, que me pareceram meio hipnotizadas olhando «a lista». Lá estava o meu nome. Não sei direito o que senti, mas atirei-me no pescoço do único conhecido do grupo. A namorada dele olhou desconfiada aquela atitude desvairada e o abraçou. Fui embora feliz.

A alegria foi grande, daquelas que nos dão a melhor sensação de liberdade. Agora sim, vou poder curtir o Natal, as férias, viajar, deitar, rolar e ser feliz.

Estava tudo perfeito: apoio da família, dos amigos, dos colegas de trabalho; dedicação exclusiva (inacreditável: o tempo seria só para estudar, três aulinhas por semana). Tem certeza? São só três aulas por semana? O resto do tempo posso usar como quiser? Não acredito! Duvidei. Isso a gente «tira de letra», como diz a linguagem enigmática da eterna sabedoria popular. Relaxe, e comecei a esperar o início das aulas com aquela ansiedade gostosa de quem sabe que vai iniciar um romance, tendo a cumplicidade de todas as forças positivas do universo.

E lá estava eu: caderno novo, colegas novos, novas informações e sensações. Primeiro dia. Saí confusa e com a certeza de que muitas coisas não havia compreendido. Mas, todo começo é assim mesmo, depois tudo se ajeita - pensei. Segundo dia. Terceiro dia. As coisas começavam a ficar mais claras, porém, mais complicadas, num desses paradoxos somente explicáveis por meio dos caprichos da mãe natureza. Ao final da primeira semana, balanço dos três programas de estudo, das «tresinhas» disciplinas: bibliografia com cento e sessenta e oito indicações, sobre as quais seriam acrescentadas outras prováveis cento e sessenta e oito indicações; seminários; encontros; palestras; resumos; resumos; resumos... Textos em espanhol e... inglês. Oh! *My God*... E

* Texto lido no encontro promovido pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação da FE/UnB, para recepcionar os alunos da turma de 1998 do Curso de Mestrado em 16 de março de 1998.

** Mestranda em Educação, Universidade de Brasília.

agora? O meu inglês foi «só para inglês ver». Enfim, seja lá o que Deus quiser.

Procurar os livros. Na biblioteca tem, mas são poucos, quem chegar primeiro pega, e precisa da carteira de estudante para retirar. Junta os documentos e leva lá no CO. Não entregam agora não, só daqui a uma semana. Depois tem que pegar a adesivo com a Juliane. Quem é Juliane? Aquela moça que fica lá dentro, na secretaria, no final do corredor. Vai na livraria. Telefona para a livraria. Reserva. Encomenda. Corre, vai no sebo, é mais barato. Talvez encontre. Não tem, o único que tinha acabei de vender. Procura no Chiquinho. É lá no Minhocão. Na ala norte. Sabe onde é? Se não tiver as vezes ele arranja. Pede emprestado. Não tem. Tem que tirar a cópia. Está na pasta do professor. Que pasta? A pasta do professor, lá na xerox. Onde fica a xerox?

Do outro lado, lá no Dois Candangos, você vai assim que chega lá. Deixa para ir na hora do intervalo, é melhor, assim não perde a explicação do professor. E um cafezinho? Depois, é melhor ir logo porque assim você pega na hora da saída. Todos na xerox: alunos da graduação, da pós-graduação, difícil falar com o rapaz. A gente espera. Troca idéias com os colegas, impressões, tenta se entrosar. O rapaz não escuta. Qual é a pasta mesmo? Você vai pedir para você? Pede para mim também. Quanto tem que pagar?

Na volta, a aula já recomeçou.

Primeiro texto, ler, entender resumir. Ilya Prigogine. Você já leu alguma coisa dessa autora? Ou será autor? - Autor - Explica o professor. Autora é a mulher dele, Isabelle Stengers, co-autora do livro.

E no aconchego da minha casa, antecipo o deleite de fazer a leitura do primeiro texto, primeiras descobertas, no curso novo, sem pressa, é só para a semana que vem, tem muito tempo. Três capítulos do livro «A Nova Aliança». Uma página, duas páginas, dez páginas, um capítulo. Não entendi nada! Vou ler outra vez, rabiscando, destacando... Tudo fica meio embaralhado. As palavras somem. Culpo a qualidade do texto xerografado. Esbarro em Newton, ciência clássica, mecânica quântica, Moisés, poesia, filosofia, relatividade, Alexandre o Grande, metamorfose, astrofísica - levanto, consulto o dicionário e velhas enciclopédias - dinâmica, termodinâmica, eletromagnetismo, Kepler, estrelas, biologia molecular - reflito, abro a geladeira, telefone, busco confirmações - vir, devir, síntese, Deus e o demônio de Laplace. Uma mistura afrodisíaca que só os sábios e/ou loucos ousam experimentar.

Não entendo. Acho que não sei mais ler. O jeito é tentar reencontrar alguma explicação na teia de aranha dos velhos clássicos, alguns nunca visitados, pelo meu comodismo acalentado nas leituras fáceis de quem tenta compreender o mundo somente através das sensações. Ao consultar outros textos, percebo que preciso ler outros e mais outros, numa teia interminável que me conduz e seduz para um emaranhado de informações. Tinha que compreender melhor os conceitos básicos, os mais elementares. O tempo urgindo. Três capítulos só de uma disciplina. Parece pouco, não é? E é, quando

se sabe ler. Tinha que ler, compreender para resumir.

Resumir. Ah! Os RESUMOS! - Sem o resumo não entra na sala. É para entregar na porta. Quem não trouxer, é melhor não vir. Sentenciara o mestre de uma posição que não consegui alcançar. (Tempos depois percebi que o repertório fazia parte das ameaças docentes tão perenemente em alta nas estratégias pedagógicas e que o coração de quem as faz é quase sempre cheio de bondade. Percebi também que os tão odiados resumos são de absoluta necessidade, particularmente para quem está aprendendo a ler.) Fiz o resumo. Ou melhor: acho que não fiz, escrevi alguma coisa. Espero que o professor não tenha lido, ninguém tenha lido uma linha sequer, não aquele, ficou horrível! Com o tempo percebi que o Prigogine é um bom sujeito. Não o compreendo 50% ainda, mas decidi amá-lo.

E assim fiquei (arrisco-me a dizer que ficamos) em estado de semi-agonia por algumas semanas, mergulhada na empreitada ambiciosa de apropriar-me, o mínimo que fosse, da grandiosa obra que compõe uma parcela do conhecimento de dois ou três séculos de evolução da ciência e da humanidade, através dos diversos autores que não caberia aqui mencionar. Autores por vezes obscuros, por vezes cômicos, por vezes sedutores, por vezes amados, por vezes odiados, mas, sem dúvida, necessários.

Como num ritual de passagem, fui submetida a tentações, desejos e apelos que vinham de todas as direções: em forma de telefonemas - não, não posso, tenho que estudar; em forma de carta-convite - não, não devo, tenho que pesquisar; em forma de visita - não, não venha, tenho que resumir. Mentalmente fazia as contas: quanto tempo daqui para o cinema, quanto tempo dentro do cinema, quanto tempo voltando do cinema... Não, não posso ir ao cinema - concluía, num crescente processo de paranóia.

Por fim decidi que queria morrer. Colegas estão engordando, outros ficando carecas, tem gente que some, desaparece. Resfriados, gripes, pneumonias e furúnculos rondam mentes e corpos fragilizados. Quero desistir - pensei. Não gosto de estudar, não quero estudar. Odeio os livros! Quero ter finais de semana e feriados. Quero andar no mato, ver o sol, tomar banho de cachoeira, beber água da fonte, jogar conversa fora, tirar a roupa e ser feliz. Quero ser irresponsável. Livro? Nunca mais! Se alguém perguntar, digo que sou temperamental, excêntrica. Queria fazer o mestrado, não quero mais. Fico azeda e vou refugiar-me esquecida em uma longínqua escola rural à espera da aposentadoria. Assim fica tudo resolvido.

E eu? E os meus filhos? O que vou nos dizer?

O tempo foi passando, os laços se estabelecendo, um saber puxando outro (como diz Álvaro Vieira Pinto: todo saber possui um caráter criador do saber), o compromisso aumentando e o prazer crescendo. Certo dia falei em uma aula que estava «possuída», o que causou um certo espanto.

Tive recaídas. Homéricas!

Quando chegou o convite do tão planejado acampamento na Chapada Diamantina com um grupo de andarilhos, jurei que era chegada a hora do fim. Dessa vez não vou resistir: caminhadas, trilhas, montanhas, cascatas, luar, fogueira, conversa fiada... Nove dias, naquela imensidão de dar gosto, sentindo o cheiro do mato e tendo o céu como cobertura!

Foi horrível ter que ficar, mas vi as fotografias depois.

Pois é. Querem notícias boas?

Essa turma é ótima! A Prof^a Regina é a melhor anfitriã do Lago Sul; o Prof. Virgílio tem um coração imenso; a Iara serve a melhor pizza da Asa Norte e você ainda pode aprender a dançar com a Camila, a filhinha dela que é dançarina de primeira; a Ivana adora fazer discursos e reunir a turma em volta da cerveja; a Clélia brilha, e não são só os belos olhos azuis; o Airan sabe tudo sobre o velho Marx, é só perguntar; a liderança do Clóvis foi acalentada nas profundezas da Serra Pelada e agora está aqui para nos guiar; o Paulo faz um churrasco que cheira nos quatro cantos do Goiás e se você pedir ele ainda traz farinha toda semana; o Sebastião é o melhor tocador de violão e outros instrumentos mais e o Cleyton tem esta voz estonteante que vocês estão ouvindo. Isto para citar só os exemplos mais modestos, com destaque para a cachaça de alambique do Prof. Rossi, que ele faz questão seja servida em doses homeopáticas que saem de uma torneirinha. Sem falar na simpatia da Juliane, eficientíssima secretária de todos os anos, que é um amor de criatura!

Tem mais.

De quebra você pode adquirir muitos conhecimentos (que podem ser úteis ou não para o seu projeto de pesquisa) e ainda «descolar» uma viagem de ônibus para participar de algum evento em qualquer parte desse mundo de meu Deus.

Boa Sorte. De coração.